



# Personalidade

## Conhecer as pessoas

RAMIRO VERISSIMO

PSICOLOGIA GERAL

PSICOLOGIA DA SAÚDE

PSICOPATOLOGIA GERAL



*Slim Books Series*

# Personalidade

## Conhecer as pessoas

RAMIRO VERISSIMO



# Ficha Técnica

## Referência

Veríssimo R. *Personalidade. Conhecer as pessoas*. Porto: Fac. Medicina do Porto, 2001.

## Edição

© 2001, Ramiro Veríssimo

1ª Edição: 500 Ex.

## Indexação

1. Psicologia Geral. 2. Personalidade. 3. Métodos de avaliação da Personalidade.

## Execução

RV Productions

## Depósito Legal

165170/01

## ISBN

972-8105-29-0



## Correspondência:

Prof Doutor Ramiro Veríssimo  
Psicologia Médica - Faculdade de Medicina do Porto  
Al Prof Hernani Monteiro / 4200-319 PORTO Portugal



+ 351 22 502 3963



+ 351 22 551 9571



+ 351 96 501 7796



rave@netcabo.pt

# Objectivos

## AO FINAL DEVERÁ SABER / SER CAPAZ DE:

- Conseguir enunciar os factores determinantes da personalidade de uma pessoa. Discernir conceitos relacionados como temperamento e carácter.
- Ser capaz de categorizar as principais abordagens teóricas da personalidade.
- Reconhecer as concepções teóricas mais expressivas sobre o desenvolvimento da personalidade.
- Saber nomear alguns dos autores seminais (6-7) mais reconhecidos relativamente ao estudo da personalidade.
- Saber equacionar a personalidade, e designadamente nas suas formas de expressão perturbadas, entre potencial inato e desenvolvimento modelador.
- Identificar quais os métodos mais significativos para explorar / estudar a personalidade, sabendo reconhecer a sua maior ou menor indicação ao fim em vista — entre estudo epidemiológico e análise casuística — em função das respectivas características psicométricas.

## ÍNDICE GERAL

<b>3</b>	<b>Objectivos</b>
<b>5</b>	<b>Prefácio</b>
<b>7</b>	<b>Sumário</b>
<b>9</b>	<b>Introdução</b>
<b>11</b>	<b>Determinantes</b>
	Conceitos
	Perspectiva sincrónica
	Perspectiva diacrónica
<b>13</b>	<b>Modelos explicativos</b>
13	Teorias estruturais
13	Tipológicos
17	Análise crítica
18	Dimensionais
21	Análise crítica
21	Psicobiológico
25	Teorias processuais
25	Genéticos
26	Dinâmicos
<b>29</b>	<b>Alterações</b>
	<i>Clusters</i>
<b>31</b>	<b>Exploração</b>
	Métodos experimentais
	Métodos clínicos
	Métodos sistémicos
	Análise crítica
<b>37</b>	<b>Referências</b>
	e bibliografia de apoio



## Prefácio

O estudo da personalidade no curso médico prende-se a razões de ordem epistemológica e curricular; seja por exemplo na medida em que a *praxis* passa necessariamente pela comunicação a nível da relação terapêutica. De facto, jamais se poderá instruir sobre as técnicas comunicacionais envolvidas nesta relação, no desconhecimento de noções básicas sobre o suporte de tal comunicação. E tanto mais assim quanto também só por esta via se poderá fornecer uma perspectiva do ser humano como um todo, único alvo de uma actuação clínica que se pretenda correcta e digna dos seus antecedentes históricos e culturais. De facto é aqui que repousa, em última análise, o efeito modelador do modo como o paciente se relaciona com a sua doença, da sua forma de expressar as suas queixas sintomáticas — entre enaltecer e minimizar —, da sua relação com o terapeuta — aderindo ou desvalorizando as prescrições —, etc.

Ou seja, é à Psicologia Médica, enquanto veículo desta área do conhecimento no curso médico, que é acometido o propósito de alertar o futuro clínico para a problemática da relação; e muito particularmente a nível da díade constituída pelo médico com o seu doente. Para o efeito reportemo-nos a um autor clássico, por assim dizer, na apresentação do modelo biopsicossocial; referimo-nos a Engel (1980) naturalmente, e à hierarquia dos sistemas naturais (1977), a qual nos permite fundamentar distintamente o que alguém enunciou dizendo que ‘a Medicina é a ciência da probabilidade e a arte do possível’. De facto, do modelo biopsicossocial ressalta desde logo a importância, não só da técnica da entrevista, mas também e sobretudo do tipo da comunicação estabelecida e que designamos por autenticidade da relação médico-doente; a qual desde logo reputamos como *conditio sine qua non* da tão propalada humanização da prática médica. A um outro nível podemos também referir a indiscutível importância das trocas de informação no seio do sistema pessoa, contexto que corporiza o modelo dito da medicina psicossomática. Com efeito, a relação mente-corpo é biunívoca, e a importância relativa só é determinável caso a caso e a cada momento: tal como a pessoa doente que perturba a família tem a sua contraparte no funcionamento familiar capaz de conduzir a pessoa à doença, também a pessoa em situação, e mercê de determinadas características da sua personalidade, pode adoecer no plano orgânico; do mesmo modo que as suas idiosincrasias condicionam o sofrimento que possa sentir por virtude de uma lesão com ponto de partida biológico.

Em cada nível sistémico, da célula à família, passando pelo órgão e pela pessoa, pode

identificar-se uma organização dinâmica suficientemente estável e persistente para justificar a sua designação. Apesar da permanente morte celular, a estrutura e as funções dos órgãos internos duram toda a vida; e de igual modo para outros níveis, seja no caso o da pessoa, considerando-se cada sistema como elemento subsistémico do nível superior adjacente. Com efeito, o indivíduo como um todo no plano organísmico implica o seu próprio reconhecimento enquanto dotado de uma identidade mais ou menos estável, bem assim como fazendo parte integrante de uma família, etc. Ora é nossa convicção que as fronteiras da intervenção do saber médico se devem reconhecer precisamente a nível do sistema pessoa.

Temos assim o sistema pessoa como fulcro da actuação médica, isto é, temos diante de nós, enquanto médicos, uma pessoa com toda a sua problemática interna e envolvente, a partir da qual se terão de discernir os aspectos mais pertinentes, oscilando entre o distanciamento necessário ao rigor técnico e a proximidade inerente à necessária empatia. E quantas vezes o cerne da disfunção se pode reconhecer exactamente ao nível de uma comunicação distorcida ou deficitária.

Por outro lado ainda, não é sequer pensável qualquer possibilidade futura de compreensão conveniente da psicopatologia, na ignorância de uma normalidade sobre a qual o médico tantas vezes é chamado a pontificar. Recorde-se que uma das críticas feitas às teorias psicanalíticas foi exactamente a de que, adoptando um método clínico, ou seja, partindo das suas observações do anormal, as suas inferências dificilmente se poderiam adequar à compreensão do normal; ora se não é do nosso âmbito discutir tal crítica, o certo é que ela releva de certo modo o papel do conhecimento do normal para a compreensão do anormal.

Ou seja, é impensável a compreensão do referido sistema pessoa, como alvo privilegiado da interacção médica, no desconhecimento das noções de base envolvidas na sua conceitualização. E com tanta mais razão de ser ainda uma aproximação qualquer que seja às suas alterações mórbidas.

Ao final pretende-se ainda deixar um breve apontamento que permita entrever as possibilidades clínicas, bem como dos erros metodológicos mais grosseiros, do uso dos recursos disponíveis para exploração a este nível; seja na sua vertente normal como na da psicopatologia.

Ramiro Veríssimo

Porto, 1989

## Sumário

### Introdução

Noção de personalidade: *Persona*.

Padrões comportamentais e previsibilidade.

Aprendizagem / repetição de solução eficazes.

Os quatro *dês*:

determinantes, descrição, desenvolvimento e dinâmica.

### Génese: concepção multifactorial dos determinantes

Conceitos

Perspectiva sincrónica: interacção plural de factores

biogénéticos,

psicológicos (variáveis pessoais) e

socioculturais (variáveis situacionais).

Perspectiva diacrónica:

inato (vertente hereditária) e

adquirido (vertente ambiental ou relacional).

Processo: maturação e desenvolvimento

Individuação; *self* / *selbst*. Fase. Fixação e regressão.

Períodos críticos. Crise. Desintegração positiva.

Socialização; identificação; integração da personalidade.

### Modelos: teorias e métodos

Abordagem estrutural (teorias descritivas):

Tipos (categoriais):

físicos (biotipologias de Kretschmer e Sheldon),

humorais (Hipócrates, padrões de resposta autónoma) e

psicológicos (Jung)

Traços (dimensionais):

teoria das disposições (Allport),

teoria de Cattell (Cattell).

propostas de Eysenck, de Costa e McCrae, e de Cloninger

Modalidades de traços



Abordagem processual:

Teorias genéticas (desenvolvimento):

psicossexual (Freud), psicossocial (Erikson),  
cognitivo (teoria genética de Piaget) e  
teorias da aprendizagem e dos papéis.

Teorias psicodinâmicas (dinâmica actual / dialéctica da interacção):

Motivação, frustração, mecanismos de defesa, adaptação.

Modelos motivacionais:

psicanálise, teorias da aprendizagem, teorias de campo.

### **Alterações da personalidade**

Traços psicopatológicos: ansiedade, depressividade, hipocondria, fobia, obsessividade, toxicofilia, etc

Classificação por agrupamentos (*clusters*):

- (A) Excêntricos (aparência bizarra):  
paranoide, esquizóide, esquizotípica
- (B) Imaturos / instáveis (aparência dramática, emocional ou variável):  
anti-social, estado-limite, histriónica, narcísica
- (C) Estruturados / rígidos (aparência ansiosa ou receosa):  
evitante, dependente, obsessivo-compulsiva

Probabilidade e patoplastia

### **Métodos de estudo / exploração da personalidade**

Experimentais:

Abordagem comportamental (E-R) e / ou cognitivista (*Locus* de controlo, *coping*)

Métodos objectivos: testes estruturados — questionários e inventários —

MMPI (Hathaway e McKinley, 1943), CPI (Gough, 1957),  
EPPS (Edwards, 1954), EPI (Eysenck, 1964),  
NEO (Costa e McCrae, 1985, 1992), TCI (Cloninger, 1987, 1992).

Métodos subjectivos: testes não estruturados - técnicas projectivas -

TAT (Henry Murray, 1943),  
Teste de Rorschach (Hermann Rorschach, 1942) e  
Testes de conclusão de frases (*pe* Michael Goldstein, 1959).

Clínicos:

Psicanálise; entrevista anamnésica.

Sistémicos:

Etologia; cibernética; teoria da comunicação — paradoxo —;  
abordagem transaccional; interacção familiar.

Sociograma.

## Introdução

Cada um de nós, no seu íntimo, está convencido que é capaz de formar uma impressão de si mesmo e dos outros, constatando inclusive, sem trocar palavras, que tal impressão é frequentemente partilhada com outras pessoas além de si; o que vem reforçar ainda mais a convicção sobre a correcção da impressão inicial. Ora a formalização dessa impressão resulta precisamente no esforço que se pretende empreender ao tentar circunscrever a personalidade numa rede semântica... é que de facto, num sentido material, a personalidade não existe, uma vez que se trata de uma construção hipotética inferida a partir do que diz ou deixa de dizer e faz ou não um determinado ser humano, a partir do momento em que se torna possível reconhecer aí um padrão, uma estrutura relativamente estável de elementos que lhe são peculiares, permitindo assim distingui-lo dos demais e mesmo prever o seu comportamento em certas situações.

Temos assim que a razão de ser do estudo da personalidade se pode prender inicialmente com a previsibilidade. De facto, a compreensão do comportamento permite, além de uma interacção mais eficaz, a sua eventual antecipação e mesmo controlo ou modificação. E assim é que, com a personalidade, se pretende explicar o que as pessoas fazem e porque o fazem, definindo-a como sendo uma configuração de disposições características individuais e de propensão para modos de agir que determinam e descrevem a adaptação e / ou a forma singular de ajustamento ao ambiente. Expressando-se num determinado ambiente, inclui pois aspectos estruturais mais ou menos estáveis da mente, bem assim como aspectos dinâmicos; permitindo estes, por exemplo, fazer face à variedade requerida pela contingência circunstancial. E aqui é de salientar que muitas vezes o controlo, mais do que pelas disposições, passa essencialmente pelo adequado reconhecimento destas variáveis situacionais. De um modo muito sintético, recorrendo às palavras de Ashby: “é o metassistema que resulta da interacção do sistema pessoa com o sistema sociedade.” Isto é, podemos situar o sistema pessoa humana numa encruzilhada biopsicossocial, atribuindo a preservação na memória, respectivamente conforme o nível - da vida, do bem-estar, ou da cultura -, da espécie (ADN), do indivíduo (biografia), e do grupo social (tradição, etc). Como sub-sistemas biológicos temos, culminados pelo sistema neuro-endócrino integrador, os órgãos, os tecidos e as células, e como supra-sistemas sociais, a díade - seja a do terapeuta com o seu paciente -, a família, a comunidade, a sociedade, e a noosfera.

Um organismo, qualquer que ele seja, mais do que uma soma de funções, é um sistema de processos em mútua interação. E assim temos que a personalidade é uma organização dinâmica global, e não um mero somatório estrutural de reflexos, sensações, impulsos, *etc.* A sua estrutura, bastante inclusiva, é a da psicologia, sem que dela seja sinónima; integra as idiosincrasias enquanto expressões peculiares, singulares mas duradouras, da pessoa que vivencia; isto é, que protege a sua auto-estima ao lidar com os acontecimentos com que circunstancialmente se depara.

Para a sua abordagem adoptamos a mnemónica “clássica” dos quatro dês: determinantes, descrição, desenvolvimento e dinâmica. Estes quatro dês prendem-se, de certa forma, com a evolução do modo como a fomos conhecendo; designadamente com a sequência cronológica dos seus modelos explicativos.

## Determinantes

**N**uma certa forma de perspectivar a personalidade descrevem-se por vezes uma faceta afectiva (1), também encarada como temperamento enquanto atitude ou tendência afectiva básica; uma activa (2), por vezes identificada, no que tem de conativa ou volitiva, com o carácter, isto é, com a *persona*<sup>1</sup>; e finalmente, uma cognitiva ou intelectual (3). No entanto, em relação aos determinantes, podemos antes caracterizar a individualidade assumindo uma base constitucional sobre a qual se organiza a personalidade. Esta refere-se pois a invariantes psíquicas / comportamentais que se remetem para uma dimensão diacrónica; quer dizer, para o que sedimentou na história singular. A identidade por seu turno, reconhece-se numa dimensão sincrónica enraizada na intersubjectividade. Ou seja, aceita-se uma **concepção multifactorial** dos determinantes ao conceber a interacção plural de factores biogenéticos, socioculturais — variáveis situacionais portanto —, e psicológicos — ou seja, variáveis pessoais —. Podemos assim discernir duas vertentes contributivas: uma inata, presa a factores hereditários, e outra adquirida, antes referida ao ambiental ou relacional. Ou seja, na conformação da personalidade intervêm as potencialidades inatas modeladas pela experiência durante a maturação / desenvolvimento. O adquirido por sua vez, resultando basicamente da interacção, pode situar-se no plano da experiência comum, ou então no da singular, específica.

Durante a biomaturação podem inclusive referir-se determinados períodos críticos que, em termos de psicodesenvolvimento, têm a sua contraparte em períodos sensíveis de aprendizagem. Tal como na socialização, estes permitem identificar fases e crises, permitindo mesmo referenciar fixações e regressões na formação do *ego*; ou melhor, nos processos de passagem do Eu para níveis superiores, também dito de individuação do *selbst*. A crise, por seu lado, e enquanto homeorrése, pode em determinadas circunstâncias, ser encarada como uma desintegração positiva; e designadamente no caso da aquisição de informação levar a uma acomodação da conformação pré-existente, e assim conduzir à passagem para um modo de funcionamento próprio de um novo patamar homeostático.

---

### Notas

<sup>1</sup> A máscara caracterial conferidora do cunho individual constatável enquanto imagem pública

Será por exemplo o caso da estabilidade, relativa que seja, conseguida à custa da mobilização para a criação artística, ou da integração de uma identidade resultante de papéis fragmentários anteriormente obtidos por identificação.

Por outras palavras podemos pois dizer em relação ao inato que sobre a constituição vem depois intervir o **adquirido** através de uma modelação decorrente da socialização. De outro nível, esta resulta na conformação da personalidade, conforme se disse, por meio da aquisição de papéis seleccionados por identificação com pessoas significativas do meio; seja o caso, pelo menos nas primeiras fases, dos pais ou seus substitutos. E aqui se reconhece que, se tal processo de identificação respeita a uma experiência singular referida a contingências específicas, já os papéis são oriundos da experiência comum; a qual por seu turno respeita antes ao contexto sócio-cultural. A busca de identidade própria na adolescência virá a culminar, em condições normais, com a redução de dissonâncias e a integração desses vários papéis adquiridos por identificação. Pode referir-se, a título de exemplo, que uma deficiente integração da personalidade pode ser ilustrada com os casos de dissociação, não tanto entre realidade e sonho, mas antes entre diferentes papéis; é o que acontece com alguns casos, reais e / ou puramente fictícios, tornados célebres por via romanesca: As três faces de Eva<sup>1</sup>, O médico e o monstro<sup>2</sup>, Psycho<sup>3</sup>, Clube de combate<sup>4</sup>, *etc.* Ou de modo mais controlado entre actor e personagem, a cujo propósito recorde Kean<sup>5</sup>; ou ainda entre os heterónimos literários prefigurando um *alter ego*, a cujo propósito recordaria Pessoa<sup>6</sup>: “...esta tendência não passou com a infância, desenvolveu-se na adolescência, radicou-se com o crescimento dela, tornou-se finalmente a forma natural do meu espírito. Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha”. Ou seja, o *ego* desenvolve-se, antes do mais, através da autopercepção, da consciência de si mesmo — *proprium* (Allport) —; processo de atribuição esse que de certo modo nos permite dizer que existimos através dos outros, que somos a imagem que nos é reflectida desde sempre pelos outros. No processo de individuação o *selbst / self* vai pois culminar a integração, distanciando-se da *persona* no que esta tem que se refere mais às formas de impregnação social do indivíduo. De realçar no entanto, que o processo se não detém aqui, uma vez alcançada a idade adulta; antes prossegue, podendo-se inclusive continuar a discernir fases que, passando pelo envelhecimento, culminarão na morte.

---

## Notas

- <sup>1</sup> Filme com Joan Woodward, realizado em 1957 por Nunnally Johnson segundo a obra de Corbett H. Thigpen, MD e Hervey M. Cleckley, MD
- <sup>2</sup> Obra de Robert Louis Stevenson
- <sup>3</sup> Filme de Alfred Hitchcock (1960) com Anthony Perkins
- <sup>4</sup> Filme de David Fincher (1999) com Brad Pitt
- <sup>5</sup> Obra de teatro de Alexandre Dumas actualizada por Jean-Paul Sartre
- <sup>6</sup> Fernando Pessoa: Rascunho que antecede duas cartas a Adolfo Casais Monteiro sobre “A Génese dos Heterónimos”. In Fernando Pessoa. Textos de Crítica e Intervenção das *Obras Completas de Fernando Pessoa* (Col. Poesia). Lisboa: Ática, 1980; pp 197-208. [Os Outros Eus da *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1990; p 92]

## Modelos

### Teorias estruturais

**D**e certo modo podemos distribuir as principais teorias da personalidade por entre **teorias estruturais / descritivas** — como são as de tipos (categoriais) e/ou as de traços (dimensionais) —; e **processuais** — designadamente as teorias do desenvolvimento ou genéticas (numa perspectiva diacrónicas), e as abordagens dinâmicas (numa perspectiva sincrónicas) — que incorporam uma dimensão temporal<sup>1</sup>. Conforme ficou dito as primeiras, que se debruçam sobre a estrutura, são essencialmente descritivas.

### Tipologias

Quanto à preocupação em descrever **tipos de personalidade**, esta pode-se fazer remontar pelo menos aos tempos de Hipócrates e da Escola de Cós (460-377 *a.C.*), através de Políbio, seu genro e discípulo; ficando definitivamente vulgarizada por Galeno (129-199) no século II *d.C.*, que a desenvolveu até encontrar 13 combinações de humores. Viria depois a ser retomada mais tarde pelo filósofo moralista Emmanuel Kant (1724-1804) ao manter em quatro quadrantes a divisão da humanidade quanto ao seu temperamento. Radicando-se na cosmogonia dos quatro elementos de Empédocles — água, ar, terra, e fogo —, e partindo do princípio da identidade entre o macrocosmo (o universo) e o microcosmo (o indivíduo), tinha a pretensão de classificar os modos de reagir de acordo com o predomínio dos humores. E assim é que consideravam predominar a linfa nos que classificavam como fleumáticos, o sangue nos sanguíneos, a atrábilis nos melancólicos, e a bílis nos coléricos. Os fleumáticos, corpulentos e com tendência para a obesidade, seriam perseverantes, fatalistas e pouco emotivos — frios e impessoais —, calmos, ou mesmo apáticos e lentos. Os sanguíneos seriam de estatura

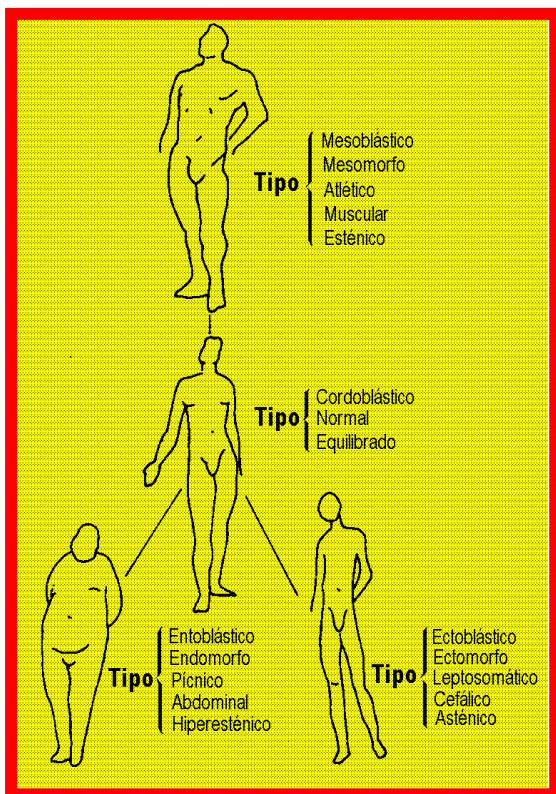


### Notas

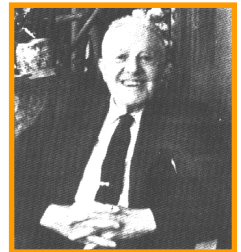
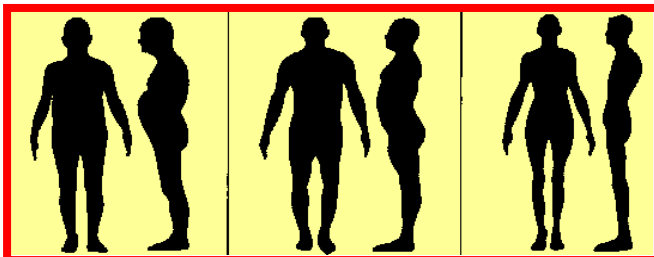
<sup>1</sup> Aproximação alcançada mais tardiamente na conquista do conhecimento...

média, musculosos, e dinâmicos, confiantes e optimistas, corajosos e mesmo impulsivos, corados, galhofeiros, de voz forte, e se afectuosos e agradáveis, também suportando mal as contrariedades. Os melancólicos ou nervosos, os longilíneos, pouco musculosos, com predomínio da vida interior, e inclinação para a tristeza e depressividade. Finalmente os coléricos ou biliosos seriam os irascíveis — irritáveis e irados —; metódicos e activos, de reacção rápida, revelavam-se combativos, podendo mesmo ser violentos ou sectários. Este quadro hipocrático vem a ser retomado em abordagens mais modernas — Ivanov, Smolenski, Pende, etc — que, de algum modo herdeiras destes tipos fisiológicos, *grosso modo* pretendem uma categorização de acordo com os padrões de resposta autonómica, em simpaticotónicos e parassimpaticotónicos. Nesta mesma perspectiva psicossomática, o próprio Pavlov, nos seus estudos de reflexologia, distinguiu quatro tipos temperamentais: o equilibrado, o excitável, o inibido, e o inerte.

Para além dos tipos humorais, outras tipologias há que se debruçam antes sobre os tipos físicos, sobre os tipos de corpo. É o que acontece com os biótipos de Ernst Kretschmer (1888-1964). Com efeito este autor concebeu um sistema objectivo para descrever tipos constitucionais (1925), de acordo com o qual propõe e descreve um tipo pícnico (1) — de constituição compacta, baixo e com tórax e abdómen largos —, um leptossomático ou asténico (2) — magro, frágil, pouco musculado —, e um atlético (3) — intermédio e musculoso —. Reservando ainda um tipo displástico para referir as misturas incongruentes de diferentes tipos em diferentes partes do corpo. A pretensão deste autor era a “biologizar” determinadas perturbações psiquiátricas associando-as a estes morfotipos. Para o efeito considerava tais patologias como resultantes de uma acentuação dos temperamentos normais: da disposição ciclotímica à psicose maníaco-depressiva para os pícnicos, e da esquizotipia à esquizóidia, e desta à esquizofrenia, para os leptossomáticos.



É o que também acontece de algum modo com a depuração posteriormente levada a cabo por William H. Sheldon (1899-1977). Este autor trabalhou sobre as fotografias de 4000 estudantes de 18 anos, sempre em poses idênticas, obtidas a partir de três ângulos; depois, baseado nas suas medições, extraía 17 índices relativos a várias partes do corpo — obtidas pela razão entre estas e a altura —, segundo as quais pontuava cinco áreas diferentes do corpo. Por este processo atribuía ao final, no seu Teste de Performance Somatotípica, pontuações de 1 a 7 num *continuum* entre endomorfia, mesomorfia, e ectomorfia. Isto é, pontuava-as de acordo com o que considerava como o predomínio de um de três folhetos embrionários. Por outro lado acompanhou durante cinco anos trinta e três estudantes, em cujo comportamento e carácter reconheceu, através de análise factorial, 60 traços de personalidade. Distribuindo-os em três séries, estabeleceria assim depois (1942), respectivamente, correlatos temperamentais com os que dizia viscerotónicos (1) — sociáveis, amáveis, emotivos, dependentes (de aprovação), de sono profundo e com gosto pelos alimentos e pelo conforto —; com os cerebrotónicos (2) — sensíveis e inibidos, preocupados e solitários, com fracos hábitos de dormir e fadiga crónica —; e com os somatotónicos (3) — sentindo necessidade de poder, afirmativos, de modos enérgicos e agressivamente competitivos, com um limiar de ansiedade elevado, mostrando-se corajosos e mesmo indiferentes à dor, com gosto pelo exercício e pela aventura —.

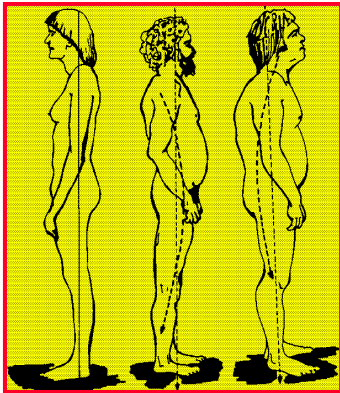


Prosseguindo a pretensão de Kretschmer, também Sheldon, ao reclamar uma correlação entre endomorfia e viscerotonia, defendia ser esta uma disposição afectiva que, associada a uma fraca capacidade inibitória, encontrava a sua expressão extremada na psicose maníaco-depressiva. A ectomorfia por seu turno, na ausência do afecto e da energia do viscerotónico, constituiria uma disposição hebdóide, caracterizada pelo evitamento social, minimizando a competição em função da escassez de recursos. Por outro lado ainda à mesomorfia corresponderia uma disposição paranóide, oscilando entre a preocupação, a ideação persecutória, e o ressentimento, para os que se sentem mais fracos, e a arrogância, para os que se sentem mais fortes, mostrando-se declaradamente litigantes e agressivos. Na realidade apenas obteve correlações positivas moderadas entre a ectomorfia e a esquizofrenia, e entre a endomorfia e a psicose maníaco-depressiva; já a mesomorfia surgiu-lhe correlacionada com a psicose maníaco-depressiva e com a paranóia.

Pode dizer-se que de certo modo, neste contexto, as abordagens de Kretschmer / Sheldon resumem a essência das propostas existentes. Uma há no entanto que, pelo seu cunho



inovador à altura, e pelo esquecimento sistemático a que mal-intencionadamente é votada, talvez mereça uma breve referência à parte; trata-se da tipologia reichiana. Com efeito este autor, rompendo com a ortodoxia psicanalítica, postulou que os conflitos intrapsíquicos se inscrevem no sistema musculoesquelético, bem assim como condicionam o nível de activação do sistema nervoso autónomo; desse modo antecipando e abrindo caminho para a moderna concepção psicossomática da medicina.



E é nesse contexto que se deve compreender quão vanguardista foi a técnica da vegetoterapia, quando hoje dispomos de novas achegas como o psicodrama, o sociodrama, as terapias grupais, etc; isto é, numa época em que a expressão corporal já começou a penetrar nas academias. No âmbito da sua concepção de economia sexual ele vai opor à sublimação, sobre a qual Freud apoia a cultura, o orgasmo. Conferindo importância decisiva a Eros, reclama na satisfação sexual a alegria de viver, a criatividade optimista, e a democracia. Em oposição, da repressão resulta por seu turno a renúncia; e sem orgasmo, a excitação inibida da energia libidinal residual leva à angústia e à agressividade. Ora esses mecanismos repressivos e dominadores, se

conduzem à incapacidade orgástica, também têm tradução muscular na “couraça” caracterial. Não se trata pois da repressão directa, mas outrossim da sua insinuação interiorizada sob a forma de autocensura, condicionando o que Reich chama de peste emocional. Neste contexto descreve mesmo no seu Análise Caracterial, alguns grupos musculares sinérgicos que considera fulcrais para a análise da “couraça caracterial” — ocular, maxilar ou oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal, e pélvico —; e depois, em função das conformações por estes determinadas, descreve algumas tipologias.



Ainda nesta perspectiva de descrição através de tipos, podemos referir os tipos psicológicos, ou talvez melhor, de comportamento, designadamente conforme descritos por Carl Gustav Jung (1875-1961). Simplificando pode dizer-se *grosso modo* que este autor classificava os indivíduos (1921), de acordo com as suas atitudes inatas, por um lado em introvertidos — os que apresentavam predomínio da sua vida interior —, e por outro em extrovertidos — os sociáveis e interessados pelo meio externo —. Na realidade as propostas de Jung viriam a ser operacionalizadas por Isabelle

Myers (1962) através do Inventário tipológico de Myers-Briggs, permitindo classificar 16 tipos de acordo com a sua caracterização em quatro parâmetros: atitudes (extroversão-introversão), percepção irracional (sensação-intuição), julgamento racional (pensamento-sentimento), e estilo de vida (avaliação-percepção).

## Tipos psicológicos (Jung)

Se a sua **ENERGIA** se orienta para

- ◆ actividades ou coisas do mundo externo: **EXTROVERTIDO**
- ◆ mundo das ideias, impressões, emoções: **INTROVERTIDO**

Se a sua **ATENÇÃO** se mobiliza pelo que

- ◆ é de facto, pelo concreto, através dos sentidos: **SENSAÇÃO**
- ◆ poderia ser ('6º sentido'): **INTUIÇÃO**

Se o modo de julgar, de tomar uma **DECISÃO**

de acordo com as preferências ao organizar e estruturar informação

- ◆ passa por um processo lógico e objectivo: **RAZÃO**
- ◆ é pessoal, subjectivo, e segundo valores: **SENTIMENTO**

Se o estilo de **VIDA** adoptado

- ◆ resulta de planeamento e organização: **AVALIAÇÃO**
- ◆ é espontâneo e flexível: **PERCEPÇÃO**

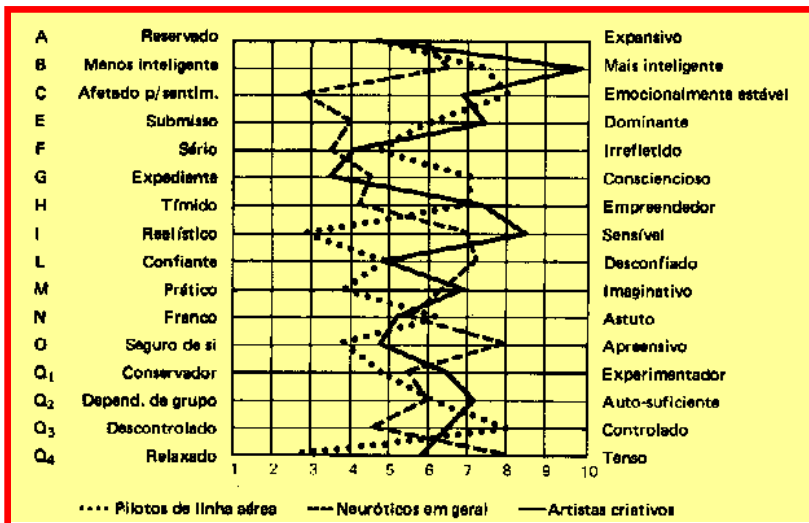
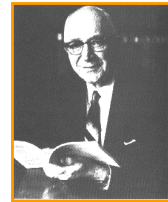
De facto, a **análise crítica** rigorosa, em estudos com cuidada exclusão das diversas formas possíveis de contaminação — seja por exemplo o facto de o peso médio aumentar com a idade, e a história natural dos quadros mórbidos localizar a sua apresentação preferencialmente em determinados grupos etários (como as perturbações maníacas a partir dos 40 anos) —, não permitiu confirmar de modo absoluto a pretensa correlação entre a constituição do corpo e a personalidade ou temperamento.

Por outro lado também, a distribuição dos padrões de resposta autonómica não permite afirmar descontinuidade entre tipos. E de igual modo em relação à distribuição entre introvertidos e extrovertidos, também ela é unimodal, e não bimodal; *id est*, não constituem tipos distintos, mas antes extremos da distribuição ao longo do *continuum* de uma mesma escala. Além disso a análise factorial permite identificar vários factores distintos (referem-se 5); o que de algum modo implica a possibilidade de ambiversão: introversão de pensamento, por exemplo, não excluirá extroversão social.

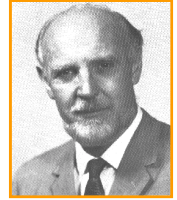
### Abordagens dimensionais

Quanto às **teorias de traços**, em certa medida também elas se podem considerar tipológicas; embora agora por via estatística. No entanto não mais categoriais, mas antes dimensionais, na medida em que remetem o seu modo de classificar a personalidade para descrições em termos de características que podem variar ao longo de uma distribuição sem descontinuidades. Assim é que se pode descrever traço como referindo-se a um conjunto de comportamentos ou tendências para a acção correlacionadas. Estes traços pretendem pois descrever, e de certo modo predizer, o comportamento que o indivíduo apresenta, ou tem certa probabilidade de apresentar; e não tão somente descrever um estado persistente. No fundo o traço nasce com a análise factorial, a qual por seu turno parte do estudo das intercorrelações entre as formas de responder / reagir habituais. Isto será tanto melhor compreendido enquanto exemplificativamente referido a duas das teorias mais representativas; e designadamente a teoria das disposições de Gordon Allport e a dos traços dinâmicos de Raymond Cattel.

Assim é que Allport, juntamente com Odbert (1936), examinou 400 mil palavras do dicionário de inglês, seleccionando 17953 que designavam modos de comportamento individual. Reduziu depois esse número através da organização de séries sinonímicas a que foi excluir as menos representativas, abandonando de igual modo as que designavam estados de ânimo temporários, as que tinham um pendor mais avaliativo do que descritivo, e as que se referiam mais a características físicas do que a aspectos psicológicos, acabando por assim reduzir a lista para as 4541 que lhe serviram de ponto de partida para o seu estudo de formalização teórica.



Cattell por seu turno, fez incidir a sua redução sistemática sobre a lista de 17953 palavras, para o que recorreu à análise estatística, obtendo deste modo 171 variáveis (feixes de correlações com um  $r > 0.60$ ). Sobre estas fez incidir uma análise factorial extraíndo 36 traços a que chamou de superficiais, os quais viria a reduzir depois, depurando o modelo, a 12 que designou de agora de traços originais ou essenciais. Na realidade Cattell propõe um modelo da personalidade resultante da análise dinâmica dos traços, repousando a sua descrição em dados biográficos (L-data), de auto-avaliação (Q-data), e obtidos por provas de realização objectivas (T-data). Aos 12 traços essenciais viria a acrescentar mais 4 na construção do questionário ainda hoje em uso, e que deve o seu nome — 16PF — exactamente aos 16 factores da personalidade que descreve em termos bipolares.



Allport, na sua teoria das disposições, descreveu-nos traços comuns, que no fundo correspondem a escalas de valores, e disposições pessoais. De entre os primeiros predominaria um deles, conforme as pessoas. Já para as disposições pessoais, o autor subdividiu-as em três: fundamentais ou cardinais (1), não havendo mais do que um punhado, constituirão objectivos de vida, assumindo um cunho dominante, e impregnando tudo e a ponto de se poderem tornar “paixões avassaladoras”; centrais (2), as que, entre duas e dez, incluem os constituintes básicos da edificação da personalidade, pelo que serão facilmente reconhecidas pelos outros, que se valem delas para descrever uma pessoa ausente; e secundárias ou acidentais (3), os que, sendo de uso limitado a situações específicas, não serão tão aparentes, apenas se identificando com um conhecimento mais aprofundado do indivíduo.

Como resultado destas teorias podemos referir **modalidades de traços** físicos, temperamentais, de capacidades, designadamente a intelectual, as supramencionadas de valores e interesses, em relação às quais haveria predomínio de um deles conforme as pessoas em causa (de acordo com as disposições de Allport). De acordo com tais valores, podem então considerar-se as pessoas como teóricas, se racionais, sistemáticas, objectivas; como económicas, se pragmáticas;

como políticas, se manipuladoras, jogando com influência para alcançar poder e fama; como estéticas, se hedonistas e apreciadoras da beleza; como sociais, se orientadas para as relações interpessoais; e finalmente como religiosas, algo identificáveis com as “amadurecidas” na acepção jungiana, e portanto buscando a verdade interior e a unidade das suas experiências. Também as atitudes podem, de certa forma, ser encaradas como traços; considerando-se, por exemplo, um indivíduo como pessoa autoritária, ou um outro como dogmático. Doutra modo ainda, as disposições motivacionais (Murray), seja por exemplo o caso das de realização, das de associação, ou outras. Podem referir-se ainda os traços de interacção, ditos expressivos e de estilo, como é o caso da polidez, da loquacidade, da coerência, da indecisão, do espírito crítico, da sociabilidade, etc. E

## Modalidades de traços

### Traços comuns (valores)

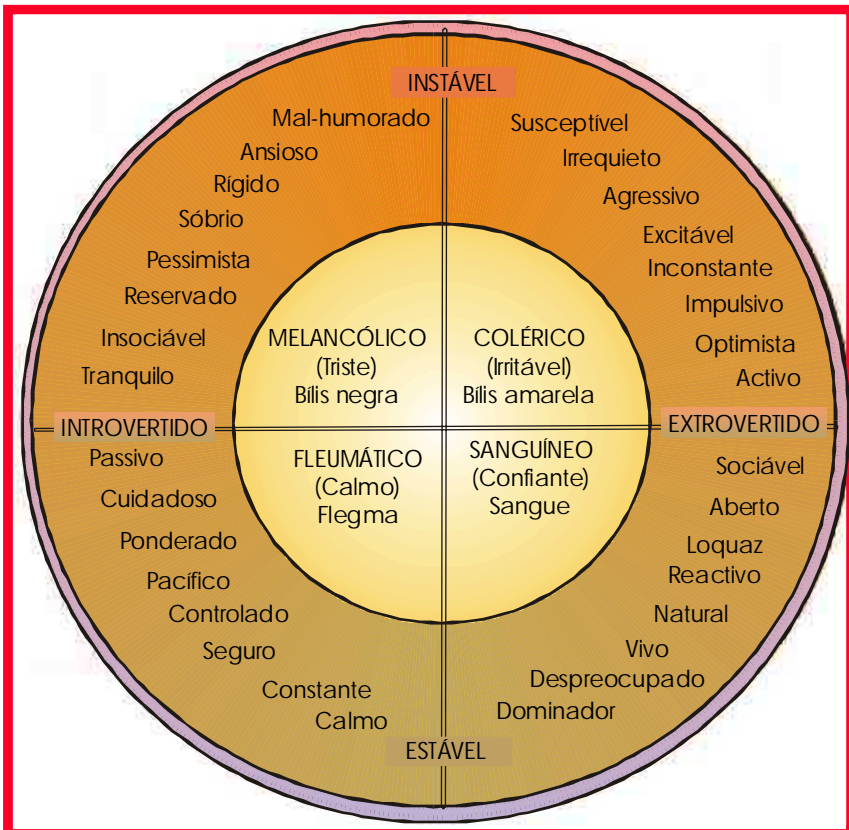
teóricos, práticos, sociais,  
políticos, estéticos, e religiosos

### Disposições pessoais

Fundamentais ou cardinais  
Centrais  
Secundárias ou acidentais

finalmente de tendências patológicas, ditos psicopatológicos, como seja o caso da hipomania, da esquizóidia, ou outros; aqui se enquadram os traços psicopatológicos de nível neurótico conforme pretende avaliar, por exemplo, o Questionário do Hospital Middlesex (Crown-Crisp): ansiedade, fobia, obsessividade, somatização e histrionismo. Conforme com a posição de cada traço na respectiva escala, resultará depois o perfil descritivo da personalidade.

Mais recentemente surgiram algumas propostas que pretendem de certo modo obviar a algumas destas questões. Entre as mais referenciadas conta-se a do inglês Eysenck (1947), que de algum modo recupera as ideias de Pavlov sobre emoções fortes / fracas, e lentas / rápidas, com as dimensões agora propostas de neuroticismo / estabilidade emocional, e de introversão / extroversão; a que vem ainda acrescentar uma outra referida a psicoticismo. De realçar como nota curiosa o modo como o autor recupera os tipos humorais que remontam à antiguidade clássica na medida em que estes se podem situar no seio das dimensões que ora propõe: o sanguíneo, entre estável e extrovertido; o colérico, entre extrovertido e emocionalmente



instável; o melancólico, entre instável e introvertido; e o fleumático, entre estável e introvertido. Embora agora já não se trate de fluidos, naturalmente, mas sim de excitação ou inibição cortical. O que aliás começa a ser empreendido por Wilhelm Wundt (1832-1920) quando assume o fio condutor que chega até si através de Kant, rejeitando contudo a concepção tipológica dos quadrantes, e avançando desde logo com um posicionamento em relação ao *continuum* dos tais eixos referidos como de emoções fortes / fracas, e de emoções lentas / rápidas; seja por exemplo o caso do colérico, de reacção intensa e rápida. No entanto esta proposta de Eysenck também não fica isenta de **críticas**, uma vez que a generalidade das ditas “personalidades difíceis” obtêm todas elas uma pontuação elevada em neuroticismo, não podendo ser discriminadas no âmbito do teste. O que leva a inferir outras dimensões descritíveis num plano mais fino. Além disso também a independência entre neuroticismo e introversão é posta em causa quando se reconhece, por exemplo, que ambas se reduzem mediante utilização de ansiolíticos.

Por outro lado ainda, em termos de **análise crítica**, este tipo de descrição descarta de algum modo as condições de tensão ambiental em que certas disposições serão activadas. No caso da teoria das disposições, pode mesmo dizer-se que a psicopatologia é quase totalmente ignorada, uma vez que se debruça essencialmente sobre o estudo de pessoas normais; e de entre estes, inclusive, só sobre amostras recolhidas em determinados estratos socioculturais.

### **Modelo psicobiológico**

Actualmente os estudos nesta área recorrem com frequência à proposta de Costa e McCrae (1992) — com as dimensões a que chamam neuroticismo, extraversão, e abertura —; ou então ao **modelo psicobiológico** com o qual Robert Cloninger e colaboradores tentam de algum modo reconciliar as abordagens dimensional e categorial. Reconhecem estes autores que, num contexto evolucionista, isto é, surgindo sequencialmente na escala animal, existem basicamente três tendências inatas tradutoras de comportamentos de aprendizagem associativa: a que leva à extinção por evitamento (1), a actividade exploratória e de escape / evitamento activo (2), e a de manutenção do comportamento (3). Admitem por outro lado que estes comportamentos se relacionam claramente com determinadas vias neuronais subjacentes e respectivos neurotransmissores: serotoninérgicas, dopaminérgicas, e noradrenérgicas, respectivamente. Atribuem assim à serotonina a inibição comportamental própria da extinção por evitamento passivo, reagindo a sinais punitivos por condicionamento, à novidade, ou à frustrante ausência de reforço. E assim é que este evitamento de situações presumivelmente danosas / punitivas se traduz tendencialmente em comportamentos de tipo inibitório e de cessação, associando-se a preocupações pessimistas por antecipação de problemas futuros, e a comportamentos de evitamento passivo, tais como de receio pelo incerto / desconhecido, a timidez face a desconhecidos, e o cansaço fácil. A segunda vertente, de base dopaminérgica, terá antes a ver com a activação ou iniciação comportamental própria da actividade exploratória, da aproximação apetitiva, e do escape e evitamento activo, desencadeados respectivamente por estímulos novos, por potencial reforço positivo, ou por potencial alívio da monotonia e da punição. Deste modo, a atracção pela novidade caracteriza o comportamento exploratório, a decisão impulsiva, a exuberância face à aproximação de indícios de recompensa, a rápida perda

da moderação, e o evitamento activo da frustração. Finalmente, com base noradrenérgica, surge a resistência à extinção necessária à manutenção do comportamento, reagindo esta a estímulos do tipo dos sinais de reforço positivo por condicionamento, ou de alívio em relação aos punitivos. Tal dependência de recompensa responsável por manter e dar continuidade ao comportamento em curso, manifesta-se caracteristicamente através da sensibilidade sentimental, através de sentimentos de ligação, e ainda na dependência e necessidade de reconhecimento por parte dos outros.

## Dimensões empíricas

Características básicas de estímulo-resposta (Cloninger, 1987)

Vias neuronais subjacentes / neurotransmissores: serotonina

Aprendizagem associativa: extinção por evitamento passivo

Estímulos: reacção a

- sinais punitivos por condicionamento,
- à novidade,
- à ausência de reforço

### *Evitamento de Dano*

Comportamento: de inibição comportamental e cessação

- preocupações pessimistas (antecipando problemas)
- receio pelo desconhecido / incerto
- timidez face a desconhecidos
- cansaço fácil

Vias neuronais subjacentes / neurotransmissores: dopamina

Aprendizagem associativa: activação ou iniciação comportamental

Estímulos:

- estímulos novos, potencial reforço positivo, ou
- potencial alívio da monotonia e da punição

Comportamento: de atracção pela novidade

- comportamento exploratório
- decisão impulsiva
- exuberância face à aproximação de indícios de recompensa
- rápida perda da moderação
- evitamento activo da frustração

### *Procura de novidade*

Vias neuronais subjacentes / neurotransmissores: noradrenalina

Aprendizagem associativa: resistência à extinção

- manter e dar continuidade ao comportamento em curso

Estímulos: reacção a sinais de

- reforço positivo por condicionamento e
- alívio em relação aos punitivos

Comportamento: de dependência de recompensa

- sensibilidade sentimental
- sentimentos de ligação

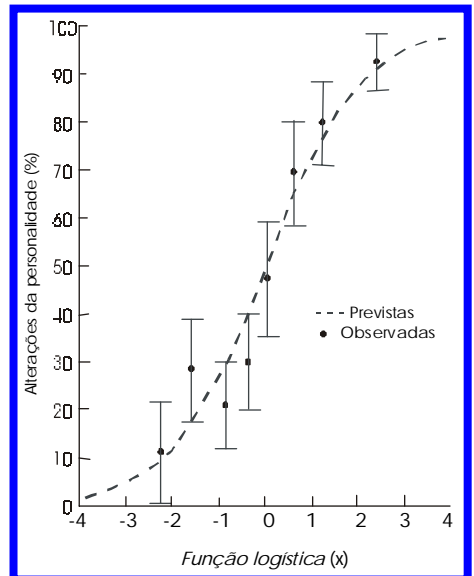
### *Dependência de recompensa*

- dependência e necessidade de reconhecimento / aprovação por parte dos outros

Às dimensões do temperamento, alegadamente constitucionais conforme descrito, vieram os autores acrescentar três novas dimensões antes referidas ao carácter; isto é, resultantes do acúmulo de experiências desde o nascimento. E designadamente referenciadas como respeitando ao autocontrolo (1), à cooperação (2), e à autotranscendência (3). Com a primeira relaciona-se a auto-estima, a convicção de ter o destino nas suas próprias mãos e de conseguir influenciar o ambiente, bem ainda como a capacidade de se fixar metas a alcançar. Já a segunda relaciona-se antes com a empatia, com a aceitação e compreensão do próximo, e com o altruísmo. Finalmente a terceira relaciona-se com a necessidade de encontrar um sentido para a vida, e com uma certa espiritualidade que se traduz em sentimentos de união e harmonia cósmica.

Mas o que está verdadeiramente implícito, indo algo mais além, é que a estrutura temperamental subjacente aos traços de nível psicopatológico, entre inibição e exaltação, em nada difere da responsável pela saúde mental; antes se devendo procurar os seus determinantes num outro plano. Ou seja, às tonalidades afectivas básicas acresce no entanto a maturação e a consequente modelação caracterial; por si só também determinante de diferentes formas de expressão. Deste modo teremos que, por influência de determinados aspectos de natureza caracterial, uma mesma disposição temperamental poderá assumir diferentes conjuntos patoplásticos. Estes, dada a natureza estável dos seus determinantes, também devem ser suficientemente estáveis para poderem ser avaliados de *per se*, embora possam ter um modo de expressão mais ou menos aparente, ou mais ou menos tendencial, sendo o desencadear desse potencial mediado pela influência de determinada

constelação circunstancial no contexto caracterial do autoconceito. No entanto, dada a sua determinação comum, devem por outro lado poder assumir toda uma gama intermédia de expressões ao longo de um *continuum* resultante do maior ou menor peso e influência, num ou noutro sentido, dos referidos condicionantes adquiridos. Essa é a orientação da abordagem operacional efectuada por estes autores, segundo a qual a **alteração da personalidade** resulta encarada em termos probabilísticos como uma função logística de traços de carácter, remetendo a determinação do tipo de alteração para a dependência das características dominantes do temperamento.



$$X = -6.21 + 0.11 (SD) + 0.10 (C)$$

$$\text{Alt Personalidade (\%)} = 100 * [(e^{\wedge}y) / (1 + e^{\wedge}y)]$$

$$\text{em que } y = -3.37 + 0.13 (SD \text{ total})$$



Como nota relativa às construções hipotéticas utilizadas como elementos da estrutura da personalidade, mormente os traços, gostaria de realçar que estes remetem para o envasamento de comportamentos específicos, e do seu conjunto resulta a descrição da personalidade. Querendo com isto dizer que com frequência se assume, não a importância relativa deste ou daquele traço em determinado indivíduo, mas antes a sua mera presença ou ausência, fazendo corresponder esta à presença ou ausência de uns quantos outros. O que nos remete de novo para uma **abordagem tipológica**, com tudo o que isto acarreta de constrição e inflexibilidade. Pense-se por exemplo na diferença entre um determinado grau de timidez-traço em relação à dificuldade em ousar tomar a palavra em público, em contraponto com um tipo introvertido — que implica a co-existência de características como ser reservado, passivo, controlado, pensativo, etc. —, ou extrovertido — falador, activo, sociável, impulsivo, etc. —. Sendo que nestes, insiste-se, o reconhecimento de um determinado traço leva a presumir uns quantos mais deveras não necessários.

## Modelos

### Teorias processuais

Quanto às **teorias psicodinâmicas**, teorias que integram o movimento, elas podem subdividir-se conforme o tipo de abordagem. E designadamente se de uma perspectiva longitudinal ou transversal da pessoa; isto é, conforme se debruçam mais sobre a **genética / desenvolvimento**, ou pelo contrário sobre a **dialéctica pulsional e / ou da interacção actual**. Ou melhor, o que acontece de facto é que as mesmas teorias comportam posições face aos dois tipos de abordagem. Vejamos.

#### Abordagem genética / teorias do desenvolvimento

No que diz respeito ao **desenvolvimento / genética**, ele pode ser abordado na senda de Sigmund Freud, isto é, numa perspectiva **psicossexual** (Freud, 1905). Ou então em termos de desenvolvimento intelectual, como fizeram Jean Piaget e Henri Wallon. Ou ainda como aprendizagem estímulo-resposta (S-R), como o fazem os comportamentalistas desde John Watson, ou antes enquanto aquisição de papéis, como pretendem os culturalistas desde Franz Boas, passando por Margaret Mead e Gregory Bateson, até Karen Horney e Eric Fromm, destaque feito para os situacionistas como J. Moreno e os interaccionistas como Bowers. Naturalmente que, onde as teorias dos traços recorriam a testes estandardizados para obter os seus perfis, neste tipo de abordagens os métodos gravitam essencialmente em torno da anamnese e da observação.

Assim, e quanto às **teorias de índole psicanalítica**, elas falam-nos de um desenvolvimento **psicossexual / psicossocial**, referindo mesmo que se pode verificar imaturidade em determinados aspectos, e só em determinados aspectos; seja por fixação, isto é, por desenvolvimento detido em determinadas fases, ou então por deslocamento. E assim é que, de acordo com as fases postuladas por Freud-Abraham, se fala num tipo oral (1) dependente — optimista, ingénuo, confiante, crédulo mesmo, se passou por um período de sucção (1.1) indulgente; passivo e excessivamente dependente, que “engole tudo”, se não gratificado no mesmo período —. A frustração no período oral sádico (1.2) levará por seu turno ao sarcasmo e hostilidade verbal, como forma de agressividade oral, e em oposição à dependência acima descrita, revela-se petulante, pessimista, desconfiado, e pondo fora de si toda a culpa pelo que de desagradável acontece. Na fase anal (2) a criança sente o poder de frustrar ou satisfazer os pais — negativismo infantil —, nessa altura conformando as suas atitudes em relação às figuras de autoridade. Do período expulsivo (2.1) resulta sobretudo megalomania, auto-afirmação, ambição, e desconfiança.

Já a personalidade anancástica, compulsiva — caracterizada por parcimónia, método, meticulosidade, obstinação, limpeza, respeito rígido pela norma, e eventualmente mesmo por tendência para comportamentos repetitivos e ritualistas —, remete-se antes para o período retentivo (2.2). Em relação à fase fálica (3) a necessidade de contacto genital pode pecar por ser frustrada, ou porque tratada com demasiada indulgência: resultando necessidade de chamar a atenção, podendo resultar em ignorar as fraquezas próprias, e tendência para a liderança. O carácter narcísico-fálico revela-se vaidoso, autoconfiante, vigoroso, e pode ser bem sucedido. Mas se depreciado também se pode revelar frio, autoritário, arrogante, e agressivo, como que exprimindo de modo deslocado a hostilidade reprimida face à rejeição ou domínio extremo por parte dos pais. Na verdade trata-se de um indivíduo convencional, supersticioso, destrutivo, cínico, ambicioso, preocupado com questões sexuais, etc. Finalmente em relação à fase genital (4), auge da maturidade sexual, também é de admitir que alguma coisa possa correr mal, para aí remetendo Reich os caracteres histéricos, e os masoquistas. Os primeiros com dificuldade de gerir os seus impulsos, são permanentemente mobilizados para a sua descarga: sedução, superficialidade, volatilidade, labilidade emocional, passagem ao acto, relações instáveis. Já o masoquismo resultará da repressão de tendências exibicionistas desta fase, levando à autocrítica, a uma postura litigante, e ao fugir do sofrimento a dificuldades de expressão amorosa (o que afastando o outro, vem a resultar à mesma em sofrimento e solidão).

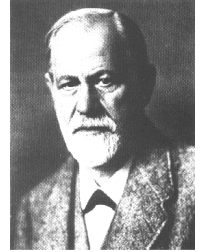
Certamente que existem personalidades caracterizadas por alguns dos traços descritos; ninguém o contestará. No que os diversos autores diferem é quanto à explicação dada para a respectiva génese. Assim, por exemplo, as **teorias da aprendizagem estímulo-resposta** interpretam tais comportamentos, como sejam os de limpeza ou os de arrumação, em termos de resultado de um desenvolvimento ao longo do qual se terá destacado o reforço conducente à formação de tais hábitos; o que se traduziria num processo de super-aprendizagem e ulterior generalização da resposta. Para as **teorias dos papéis**, por sua vez, a estabilidade do hábito é agora substituída pela do papel social: de filho, de homem, de mulher, de pai, de trabalhador, etc.; este, seja ele adquirido por identificação, culturalmente prescreve e proscreve determinados comportamentos, mesmo antes do indivíduo nascer. São exemplos de posições tipo: a conferida pelo sexo-idade, pela profissão, a do prestígio, a da família, a do clã ou casa, e a dos grupos de afinidade.

### **Modelos dinâmicos**

Quanto à **abordagem dinâmica**, ou seja, à pesquisa actual das determinantes do comportamento, avançam as várias teorias os seus modelos motivacionais, envolvendo noções como frustração, mecanismos de defesa, adaptação, etc. Estas correntes dinâmicas pressupõem pois conflitos actuais num jogo de forças em confronto.

Assim, por exemplo, a **psicanálise** infere a existência de três instâncias em presença (Freud, 1923). Um *id*, *infra-ego* para onde se remetem as forças pulsionais, e ao qual preside pois o princípio do prazer imediato, seja através da gratificação dessas pulsões (catexia objectal). Um *ego*, o qual, entre as pulsões e o princípio da realidade imposto, bem como pressupostos inerentes aos papéis sociais, utiliza a racionalidade para contornar as tais condicionantes e alcançar a saciedade; passando então o prazer a ser mediato.

Aqui é de referir que esta saciedade é doravante conseguida, o mais das vezes, por derivação objectal e/ou particularmente no espaço imaginário dito de inclusões recíprocas, como é o da realização onírica. De facto, a não ser mais possível, seja por falta de objecto ou por interposição de obstáculo — e o interdito funciona como tal —, resulta em frustração. Só que a impossibilidade pode ser determinada interiormente, seja porque inaceitável pela consciência moral do próprio enquanto interiorização da norma. O que conduzirá ao recalçamento na base dos complexos (Jung): imagens carregadas



de emoção, isto é, dotadas de energia<sup>1</sup>, de vida autónoma, e assim remetidas para a instância psíquica designada como inconsciente; e aí mantidas, à custa de uma repressão igualmente consumidora de energia. Infere pois, ainda, um *super-ego*, o qual representará o eu ideal, a tal consciência crítica moral, tradutora da norma interiorizada; ou seja, impondo os interditos da realidade. As pulsões de vida — *eros* —, em condições normais e no nosso contexto sociocultural, praticamente só deixam de encontrar o seu objecto devido a interditos no caso da sexual. E daí o interesse particular de que esta se reveste. Entre complexos<sup>2</sup> e sua repressão, o *ego* pode chegar à situação de mal dispor de libido para as restantes necessidades vitais. Será o que acontece em determinadas situações de cunho neurótico em que de um ou outro modo o indivíduo se mobiliza em permanência para lidar com as suas angústias. E foi no contexto desta proposta estrutural do aparelho psíquico em três instâncias que Freud especulou (1932) sobre possíveis tipos caracteriais resultantes do predomínio de uma ou outra destas estruturas. Designadamente um tipo erótico (1), hedonista e dominado pelas exigências do *id*; um tipo narcísico (2), tão arrebatado pelo seu *ego* que ultrapassando incólume as exigências do *id* e do *super-ego*, não chega a ser afectado pelos outros; e um tipo compulsivo (3), cuja vida é inteiramente regulada pela rigidez do seu *super-ego*.

Mas nem só as correntes analíticas fazem a pesquisa dos conflitos actuais. Também as da aprendizagem e as dos papéis, anteriormente referidas, tomam uma posição, e designadamente pondo hábitos e impulsos em conflito, as primeiras, ou referindo a atribuição de comportamentos incompatíveis porque inerentes a papéis diversos, as segundas.

## Notas

<sup>1</sup> Libido

<sup>2</sup> E aqui, insiste-se, não devem os complexos ser tomados como “sentimentos de...”

Propositadamente reservamos, para lhe fazer uma breve referência à parte, o caso particular da **abordagem interaccional / transaccional** constituído pelas propostas sistémicas. Os investigadores nesta linha têm devotado grande parte dos seus esforços ao estudo dos padrões comunicacionais no seio da família, designadamente em termos de uma conceitualização circular do desenvolvimento. Herdeiros da cibernética e da teoria geral dos sistemas, recorrem extensivamente à teoria da comunicação, recurso esse que tem tido o seu expoente na escola de Palo Alto; e muito particularmente em autores na linha de Gregory Bateson e Paul Watzlawick. Com efeito, estes autores deram particular atenção à exploração das implicações da comunicação paradoxal. No entanto, em termos de personalidade, coube a Gordon Allport propor, em 1961, a utilização de um modelo sistémico com base nas propostas de Bertalanffy. Com efeito, a personalidade está de acordo com os critérios dos sistemas abertos, critérios esses que, segundo Allport (1961), foram sucessivamente estudados pelas diversas teorias. E é deste modo que a **abordagem sistémica** procura integrar as diversas explicações localizando-as nos respectivos planos; ou seja, concilia as facetas fisiológica, comportamental e psíquica, situando a personalidade no nível do simbolismo de uma hierarquia de sistemas de complexidade crescente. É pois uma proposta de interpretação plural que, considerando que um método corrige o outro, se contrapõe às posições com carácter exclusivo que somente são capazes de nos dar uma visão parcelar e fragmentada da pessoa humana.

## Alterações da personalidade

### *Clusters (agrupamentos)*

No enquadramento contextual da personalidade, as situações de alteração da mesma, mais do que pelos quadros comportamentais que as tipificam, caracterizam-se desde logo como padrões de comportamento mais ou menos estáveis e duradouros. Isto é, mais do que resultarem de reacções a factores de tensão ligados a impulsos e conflitos, seja eles derivados de esforços adaptativos face a determinadas solicitações ambientais, têm de se assumir aqui como primordialmente radicadas num processo maturativo que permita identificar o desenvolvimento estrutural da mesma no âmbito da história biográfica do indivíduo: enquanto adolescente e adulto jovem, ou até mesmo começando a manifestar-se desde a infância. Ou por outras palavras, mais do que quadros referentes a reacções inadequadas, as alterações de personalidade têm de reflectir uma tendência do indivíduo para perceber e reagir sempre de modo mais ou menos inadequado às diversas solicitações do seu meio. E por inadequação ao meio deve entender-se o desvio em relação às expectativas oriundas da cultura envolvente, dando azo a experiências desagradáveis, que podem gerar sofrimento e problemas sociais ou laborais. Pessoas sistemática e caracteristicamente muito desconfiadas, ou passivas, ou inadequadamente emotivas, ou extremamente dependentes dos outros, ou terrivelmente compulsivas e ordenadas, ou sem o menor respeito por nada nem ninguém.

No âmbito do DSM esta destrição resulta nos Eixos I e II, uma vez que as perturbações enquadráveis no Eixo I podem surgir e desaparecer em diversas alturas durante a vida, ao passo que as do Eixo II se remetem para perturbações de longa duração que surgem em regra antes do estado adulto, e que persistem sem mudar significativamente ao longo da vida. De facto as alterações da personalidade não melhoram de modo apreciável ao longo da vida, nem permitem identificar períodos de remissão.

Ora estas invariantes de personalidade, pese embora de tipo psicopatológico, vão de encontro à natureza do que anteriormente se concebeu como traço. E assim sendo, não será de estranhar que qualquer um encontre um pouco de si nesta ou naquela descrição de tais alterações. Só que contra a tentativa de concluir pelo processo mórbido, devemos antes atentar que tais traços, fazendo parte da condição humana (!), se apresentam tipificados pelo extremo de um *continuum* dimensional sem discontinuidades até à expressão normal; e no caso com toda a probabilidade não serão tão inflexíveis, inadequados, e fontes de tensão, que possam consubstanciar tal conjectura.

Há uma enorme multiplicidade de alterações de personalidade que têm sido reconhecidas e descritas. A ponto de algumas dessas categorias diagnósticas se sobreporem, ou de poderem estar presentes em simultâneo num mesmo indivíduo; pelo que tais descrições “clássicas”, conforme se disse, podem de algum modo ser vantajosamente encaradas como tipos unidos em torno de determinados traços comuns. Aliás nem tampouco há unanimidade quanto aos critérios para estabelecer as diversas entidades descritas; o que levanta sérias questões quanto à precisão (validade) e coerência (fiabilidade) das mesmas. E assim é que, embora mantendo as referidas as descrições “clássicas”, a classificação da Associação de Psiquiatria Americana (*DSM*) agrupa actualmente tais descrições no âmbito de três grandes *clusters* nascidos da análise estatística, no seio de cada um dos quais se encontram então alguns tipos que, embora distintos, por esta via se reconheceram de algum modo ligados por traços afins: o *A*, dos excêntricos — integrando os esquizotípicos, os esquizóides, e os paranóides —; o *B*, dos melodramáticos — onde se encontram os histeróides, os narcísicos, os estado-limite, e os anti-sociais —; e o *C*, dos ansiosos — incluindo evitantes, dependentes, passivo-agressivos, e obsessivo-compulsivos —.

## Alterações da personalidade

Classificação por agrupamentos (*DSM*)

*Grupo A*. “Excêntricos” — de aparência bizarra

paranóide, esquizóide, esquizotípica

*Grupo B*. “Melodramáticos” — instáveis, de aparência dramática, emocional

histrionica, narcísica, estado-limite, anti-social

*Grupo C*. “Ansiosos” — rígidos, retraídos, de aparência receosa

evitante, dependente, obsessivo-compulsiva, passivo-agressiva

Aliás a este propósito resulta interessante notar que já Eysenck, em reconhecendo como recorrente na literatura uma concepção da personalidade variando entre dois pólos — maníacos e melancólicos (Heymans e Wiersma, 1909), introvertidos e extrovertidos (Jung, 1921), pínicos e leptossomáticos (Kretschmer, 1925), ectomorfos e endomorfos (Sheldon, 1942) —, parte da hipótese de um contraste entre personalidades histéricas — conversão, problemas relacionais, psicopatia, etc. —, e personalidades distímicas — ansiedade, psicastenias, depressividade reactiva, etc. —, para a construção da extroversão / introversão no seu sistema teórico.

## Métodos de estudo

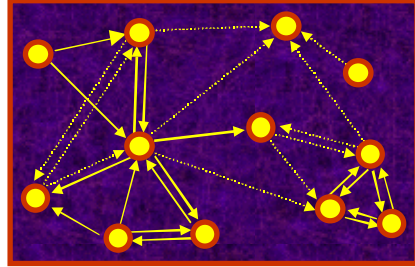
O interesse pela avaliação da personalidade resulta à partida da investigação no sentido de estabelecer, com poder preditivo, as relações da personalidade com o comportamento dos indivíduos. E aqui é de realçar desde logo as necessárias precauções metodológicas contra certos enviesamentos; sejam os de natureza cultural, dado que as pesquisas efectuadas noutras épocas, ou em contextos sócio-culturais diversos, obviam em absoluto à extrapolação directa dos resultados. Por outro lado, o âmbito das aplicações deste tipo de estudos, para além da investigação, é na verdade muito vasto; seja na educação — insucesso escolar, avaliação formativa, orientação escolar —; no trabalho — orientação profissional, determinação de competências (recrutamento), melhoria da comunicação em equipe —; ou na saúde — promoção, detecção de doença, diagnóstico, qualidade de vida / adaptação, prevenção, aconselhamento, peritagem judicial —. O que às referidas preocupações de ordem metodológica, que só por si já recomendam vivamente uma utilização judiciosa por parte de avaliadores competentes e profissionalmente qualificados, vem agora realçar essa recomendação como necessária se atendermos às devidas considerações de ordem ética no sentido de proteger o respeito pela vida privada das pessoas avaliadas, garantindo protecção dos dados contra abusos ou utilizações mal-intencionadas.

Quanto aos métodos para explorar a personalidade, eles resultam, de certa forma, dos modelos que lhes subjazem. E assim, por exemplo, já foi referida a importância de que se reveste a metodologia de **observação clínica** para as abordagens ideográficas como a psicanálise e a psicologia genética (Piaget); com tudo o que esta implica de subjectividade naturalmente. Este método, aliás, comporta duas vertentes, designadamente conforme a observação se refere ao outro ou a si mesmo. Esta, que se designa de introspecção, reporta-se a uma psicologia pré-experimental, ao passo que a hetero-observação, no limite da possibilidade de verificação por terceiros, veio a fundamentar as teorias decorrentes do comportamentalismo. Neste método clínico de observação podem incluir-se ainda a observação e análise de desenhos e escrita obtidos de modo espontâneo. A **experimentação**, no sentido da observação provocada de que se servem os comportamentalistas, é um método limitado e limitativo quando se trata de estudar a pessoa como um todo, e não mais de isolar uma variável.

As disposições internas, por outro lado, em termos de **abordagem sistémica** são estudadas

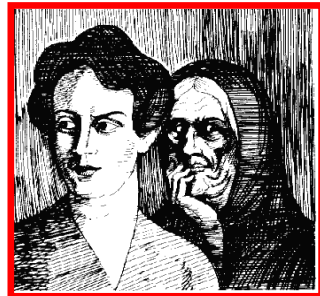


de modo transaccional, seja em termos de interacção familiar, no sentido de pesquisar circunstâncias ambientais capazes de deflagrar determinadas condutas. Com efeito, se é verdade que as situações são criadas pelas pessoas, também o é que o comportamento da pessoa é função das situações. Nesta perspectiva, efectivamente, tenta-se analisar a própria situação, o sujeito, e a relação entre ambos. O critério é o da transacção com o meio ambiente, uma vez que o ser humano é, aqui, considerado como um sistema largamente aberto às trocas com o referido meio. Ora foi exactamente para abordar os diferentes modos



de interagir, fugindo ao estatismo, que Moreno (1934) concebeu o **sociograma**, designadamente para avaliar a popularidade ou prestígio no seio do grupo, a coesão do mesmo, etc. O método consiste em pedir aos elementos de um grupo para escolherem e mencionarem por ordem de preferência, justificando as escolhas, três outros elementos com os quais gostariam de colaborar numa dada situação (atração), bem como três com quem não queriam fazê-lo (rejeição). A posição de cada indivíduo no grupo será depois avaliada pelo número de vezes que foi escolhido e rejeitado, o que vem traduzir, de certo modo, o seu ascendente junto dos outros, conferindo-lhe um estatuto algures entre o de “estrela” e o de “sujeito isolado”. Sociograma, em si, refere-se à representação gráfica que se obtém representando cada indivíduo por um círculo ao qual se ligam setas para os que escolheu ou rejeitou; assim, as setas duplas indicarão as escolhas ou rejeições recíprocas. Neste mapa poderá ver-se, rapidamente, a posição de cada um no grupo: configuração em estrela, quando as escolhas se concentram; descentralizada, quando surgem subgrupos; ou anárquica, quando as escolhas, em todas as direcções, não se encontram.

Quanto à exploração da personalidade através de **técnicas psicométricas**, designadamente através de técnicas projectivas e de testes estruturados, ditos objectivos, ela remonta ao início do século, tendo ao longo do tempo consubstanciado diversas reflexões teóricas.



Assim por exemplo, e quanto às técnicas projectivas, são clássicos o teste de associação

de palavras. Inventado por Francis Galton (1822-1911) e vulgarizado por Carl Gustav Jung, esse teste é por vezes usado em associação com o polígrafo, ou seja, com o conhecido detector de mentiras dos filmes policiais de determinada época. Um outro exemplo próximo deste é o dos testes de conclusão de frases, seja o avançado por Michael Goldstein. De igual modo, e ainda hoje bastante usado, o teste de apercepção temática, TAT, concebido por Henry Murray (1943). Consiste este basicamente em mostrar uma série de imagens de situações dramáticas, embora ambíguas: uma rapariga a correr ao longo da praia, a cabeça de uma mulher jovem com uma velha cheia de rugas atrás, etc; pedindo depois aos sujeitos para construir uma história para cada quadro, descrevendo a situação figurada, os seus antecedentes, e o desenvolvimento futuro. Como as imagens em si mesmas não têm um significado único, cada um produzirá uma história diferente que, mais do que determinada pelo quadro, resultará da projecção das suas próprias necessidades e interesses. Um outro teste bastante vulgarizado, embora talvez não tão explorado dadas as dificuldades de interpretação, é o da mancha de tinta, criado pelo suíço Hermann Rorschach (1932, 1942).

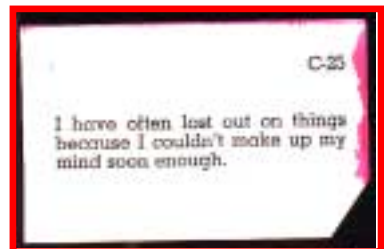
O princípio subjacente a estas técnicas é pois o de que o material estruturado que o testando devolve, a partir do minimamente estruturado que se lhe ofereceu, traduz afinal a estrutura interna da sua personalidade. Só que na riqueza da informação resultante reside também o óbice inerente à enorme dificuldade e subjectividade da sua interpretação. Por outro lado estas são as técnicas de eleição, e eventualmente mesmo as únicas possíveis,



em relação à exploração da vida mental infantil... seja por exemplo fornecendo-lhes bonecos, ou mostrando-lhes desenhos simbolicamente sugestivos como no caso do CAT — Teste de Apercepção Temática Infantil (Bellak & Bellak, 1949) —, e pedindo-lhes que contem a esse respeito uma história, ou a história do desenho. Ou então pedindo-lhes para fazerem desenhos, seja o caso bem conhecido de uma árvore, a serem ulteriormente analisados mediante determinadas regras.

De entre os testes estruturados, designadamente os questionários e inventários — usados em regra no âmbito de uma abordagem nomotética —, talvez que o mais divulgado de todos seja o MMPI, isto é, o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (Hathaway e McKinley, 1943). Este consiste em 550 afirmações em cartões que se empilham em três pequenos montículos respectivamente classificados de com “afirmações verdadeiras”, “falsas”, e “que não sei classificar”.

Assim se obtêm depois as diferentes escalas, estando descritas mais de 100: hipocondria (Hs), depressão (D), histeria (Hy), desvio psicopático (Pd), masculinidade-feminilidade (Mf), paranóia (Pa), psicastenia (Pt), esquizofrenia (Sc), hipomania (Ma) e introversão social (Si), são as mais utilizadas. Entre as 4 chaves de controlo, contam-se ainda escalas de mentira (L) e falsidade



(F), construídas a partir da negação sistemática de afirmações óbvias, e uma outra de correção da desconfiança (K). Outro destes instrumentos de avaliação bastante conhecidos é a Escala de Preferência Pessoal de Edwards (Edwards, 1954), a qual pretende medir as necessidades motivacionais descritas por Murray (1938): humilhação, realização, dominância, agressão, autonomia, afiliação, etc. De igual modo, o já referido Questionário 16 PF de Cattell (1957), que dá origem aos 16 traços originais descritos pelo autor: ciclotimia (A), capacidade escolar (B), força do *Ego* (C) / estabilidade emocional, dominância (E), força do superego (G) / consciência, controlo da vontade (Q3), etc. Também o Inventário da Personalidade de Eysenck, EPI (Eysenck, 1964), através do qual este autor estuda as 3 dimensões propostas: extroversão, neuroticismo, e psicoticismo. Um outro questionário também já referido é do Hospital Middlesex (Crown e Crisp, 1970), que nos permite estudar alguns traços psicopatológicos de nível neurótico. A exemplo do também muito difundido e validado neste domínio SCL-90R — *Symptom Check List* (Derogatis, 1977, 1983) —. Temos ainda o *Adjective Check List* (Gough e Heilbraun, 1965), o qual, criado no espírito do Inventário de Personalidade da Califórnia (Gough, 1957), foi desenvolvido a partir de aplicações e entrevistas com estudantes, dando acesso a duas dúzias de escalas. Mais recentemente as citadas propostas de Costa e McCrae associam-se ao Inventário de Personalidade NEO — *Neuroticism, Extraversion, Openness* —, e o modelo psicobiológico de Cloninger e colaboradores ao TCI — *Temperament and Character Inventory* —. Grosso modo poderíamos dizer que há hoje uma certa unanimidade no sentido que a descrição da personalidade pode repousar em cerca de 5 (3 a 7) dimensões.

## Seleção

Técnicas objectivas (questionários e inventários)

- Mais fidedignos [reprodutibilidade dos resultados]
- homogeneidade, fiabilidade interavaliador, estabilidade teste-reteste
- Não tão válidos, e mais atreitos a tendências deformadoras

Técnicas projectivas

- Maior validade de conteúdo em contexto clínico [mais significativo]
- Mais difíceis de interpretar [resultados mais subjectivos]

## Tipo de Aplicação

Detecção em grupo [Erro de tipo I (falsos positivos)]

- => Sensibilidade [poder discriminativo]
- Fidelidade [estandardização / comparabilidade]

Diagnóstico casuístico [Erro de tipo II (falsos negativos)]

- => Validade [Especificidade (validade de conteúdo)]

Ora, em termos de análise crítica, o que distingue basicamente este tipo de técnicas psicométricas, designadamente as projectivas das objectivas, é que as primeiras, permitindo

tirar mais conclusões relativas ao caso concreto, são bastante específicas, sensíveis, e válidas; porém de difícil análise, mais subjectivas, e portanto menos fiáveis. Ao passo que as segundas, se são mais fidedignas, permitindo a replicação, têm no entanto uma validade mais questionável. Isto é, e no tocante aos testes objectivos, a validade, variando na razão inversa da fidelidade, traduz afinal as diversas tendências deformadoras: até que ponto se está a medir o que se pretende medir? Assim é que, neste tipo de testes, podemos obter, por exemplo, uma falsa imagem de (des)ajustamento, seja devido a um falseamento deliberado das respostas, seja por erro involuntário da auto-avaliação. E isto porque a aferição qualitativa conduz a uma apreciação tida como positiva ou negativa, não se pautando por um esforço regular, porque sistematicamente orientado no mesmo sentido; como acontece, em regra, nas escalas quantitativas (como as de capacidades). Numa tentativa de evitar este tipo de deformação, certas escalas, como por exemplo a de Edwards, obrigam a seleccionar entre itens igualmente (in)desejáveis — método ipsativo —. Também resultam em inquinação as tendências para concordar, “dos que tendem a dizer sim”, ou para ter cuidado em itens inócuos, “dos que tendem a dizer não”. No entanto também estas tendências são susceptíveis de avaliação independente do conteúdo dos itens.

### Tendências deformadoras

Anuência — tendência para responder **sim**  
Defensividade / desconfiança — dizer **não**  
Falseamento deliberado — mentir  
Falsidade — função da aceitabilidade social

Concluindo poderíamos resumir dizendo que, almejando aumentar a validade dos métodos de estudo da personalidade, deve, por um lado, a investigação orientar-se no sentido de uma maior standardização e depuração psicométrica dos instrumentos e métodos. E deve a exploração prática, por outro, atender às características psicométricas do instrumento a utilizar em função do fim em vista, bem assim como integrar quando possível modelos interaccionistas. Ou seja, onde a uma exploração clínica, casuística, convém uma técnica de garantida validade e que se caracterize pela riqueza da informação facultada, já a um estudo epidemiológico, populacional, as técnicas que podem interessar têm de ser suficientemente fiáveis para permitir avaliar todos os elementos de modo perfeitamente idêntico, bem como replicar o estudo em relação a outras populações em condições em tudo idênticas.



## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA DE APOIO

1. Alquié Ferdinand, Russo F, Beaudé Joseph, Tonnelat MA, Costabel Pierre, Polin Raimon. *Galileu, Descartes e o Mecanismo*. s.l.: Encyclopaedia Universalis / Lisboa: Gradiva, 1987.
2. Allport GW. *Personality: A psychological interpretation*. New York: Holt, 1937.
3. Allport Gordon. *Pattern and Growth in Personality*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.
4. Allport GW, & Odbert HS. Trait-names: a psycho-lexical study. *Psychological Monographs*. 1936; 47.
5. Anastasi A. *Psychological testing*. New York: McMillan Co, 1961, 1976.
6. Antonelli Ferruccio. Brosothymia: A New Pathogenetic Model in Psychosomatics. 1981 In Krakowski Adam and Kimball Chase (eds). *Psychosomatic Medicine. Theoretical, Clinical, and Transcultural Aspects*. New York: Plenum Press, 1983.
7. Ashby W. The application of Cybernetics to Psychiatry. *Journal of Mental Science* 1954; 100: 114. [tr port A Aplicação da Cibernética à Psiquiatria In Epstein I (ed) *Cibernética e comunicação*. São Paulo: Ed Univ São Paulo, 1973.]
8. Barbieri Marcello. *La teoria semantica dell'evoluzione*. s.l.: Editore Boringhieri, 1985 [tr. port. M. L. Pinheiro. *Teoria Semântica da Evolução*. Lisboa: Editorial Fragmentos Lda, 1987].
9. Bastin Georges. *Les techniques sociométriques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980. [trad port. Ruth Delgado. *as técnicas sociométricas* (2ª ed). Lisboa: Morais Editores]
10. Bellak Leopold and Bellak Sonya Sorel. *Children's Apperception Test*. Larchmont, NY: CPS Inc, 1949. [trad port Olga Mantovani. *CAT-A Teste de Apercepção Infantil com figuras de animais* (2ª ed). São Paulo: Mestre Jou, 1967, 1981]
11. Bernaud Jean-Luc. *Les méthodes d'évaluation de la personnalité*. Paris: Dunod, 1998. [tr port Sátya Sousa. *Métodos de Avaliação da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores, 2000]
12. Bertalanffy Ludwig von. *General System Theory. Foundations, Development, Applications*. New York: George Braziller Inc, 1967, 1968, 1976.
13. Butcher JN. *Abnormal Psychology*. Brooks/Cole Publishing Company [Wadsworth

- Publishing Company], 1971. [tr port Álvaro Cabral *Psicologia do Anormal*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975]
14. Campos Dinah MS. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade. Validade, técnica de aplicação e normas de interpretação* (17ª ed). Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1987.
  15. Cattell RB, Eber HW and Tatsuoka MM. *Handbook for the The Sixteen Personality Factor Questionnaire*. Illinois: Institute for Personality and Ability Testing, 1957, 1963, 1970.
  16. Clapier-Valladon Simone. *Les Theories de la Personnalité*. Presses Universitaires de France (col Que sais-je?), 1947. [tr. port. Álvaro Cabral *As Teorias da Personalidade*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988].
  17. Cloninger C. A Systematic Method for Clinical Description and Classification of Personality Variants. A Proposal. *Arch Gen Psychiatry*. 1987 (June); **44**: 573-588.
  18. Cloninger C, Gillian S. Neurogenetic mechanisms of learning: a phylogenetic perspective. *J Psychiatr Res*. 1987; 21: 457-472.
  19. Cloninger C, Svrakic D, Przybeck T. A psychobiological model of temperament and character. *Arch Gen Psychiatry*. 1993 (Dec); **50**: 975-990.
  20. Comer RJ. *Abnormal Psychology*. New York: W. H. Freeman, 1998.
  21. Costa P, McCrae R. *The NEO personality inventory manual*. Odessa: Psychological Assessment Resources, 1985.
  22. Costa P, McCrae R. Four Ways five factors are basic. *Person Individ Diff*. 1992a; **13**: 653-65.
  23. Costa P, McCrae R. Normal personality assessment in clinical practice: the NEO personality inventory. *Psychological assessment*. 1992b; **4**: 5-13.
  24. Crown S, Crisp AH. *Manual of the Middlesex Hospital Questionnaire*. Devon: Psychol Test Publ, 1970.
  25. Derogatis L. SCL-90: Administration, Scoring and Procedures. *Manual I for the R (Revised) Version and other Instruments of the Psychopathology Rating Scale Series*. Chicago: John Hopkins University School of Medicine. 1977.
  26. Derogatis L. *Description and Bibliography for the SCL-90R*. Maryland: Clinical Psychometric Research. 1983.
  27. Edwards AL. *Edwards Personal Preference Schedule. Manual*. New York: Psychological Corporation, 1954.
  28. Engel GL. The Need for a New Medical Model: a Challenge for Biomedicine. *Science*. 1977; 196: 129-36.
  29. Engel GL. The Clinical Application of the Biopsychosocial Model. *Am J Psych*. 1980; 137: 535-44.
  30. Epstein I. *Cibernética*. São Paulo: Ática, 1986.
  31. Eysenck HJ. *Dimensions of personality*. London: Kegan Paul, 1947.
  32. Eysenck HJ and Eysenck SB. *Manual for the Eysenck Personality Inventory*. London:

- Univ. Press, 1964.
33. Eysenck HJ. and Wilson GD. *Human Psychology*. Lancaster: MTP Press Ltd, 1976 [tr. port. A. Vaz-Serra et al. *Manual de Psicologia Humana*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986].
  34. Freud S. *Three Essays on the Theory of Sexuality*. Standard Edition 7. London: Hogarth Press, 1905. / Rio de Janeiro: Imago Editora Lda [tr. port. Ramiro da Fonseca. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil]
  35. Freud S. *The Ego and the Id*. Standard Edition 19. London: Hogarth Press. / Rio de Janeiro: Imago Editora Lda, 1923.
  36. Friedman M and Rosenman RH. *Type A Behavior and your Heart*. New York: Knopf, 1974.
  37. Goldberg D, Huxley P. *Common Mental Disorders - A Bio-social Model*. Routledge, 1992 [tr port Pedro Mendonça. *Perturbações Mentais Comuns, um modelo bio-social*. Lisboa: Climepsi Editores, 1996]
  38. Gonçalves L, Rodrigues VA, Brazette M. *Perturbações da Personalidade*. Porto: MediBial, 1997.
  39. Gough HG. *Manual for the California Psychological Inventory*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1957.
  40. Gough HG, Heilbraun AB. *The Adjective Check List*. Palo Alto: Cons Psychol Press, 1965.
  41. Hannagan T. *Mastering Statistics*. London: McMillan Education Ltd, 1986.
  42. Hathaway SR, McKinley JC. *Minnesota Multiphasic Personality Inventory. Manual Revised 1967*. New York: The Psychological Corp, University of Minnesota, 1967.
  43. Hilgard E, Atkinson R. *Introduction to Psychology*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc, 1967.
  44. Hjelle LA, Ziegler DJ. *Personality Theories. Basic Assumptions, Research, and Applications*. McGraw-Hill, 1992.
  45. Huteau Michel. *Les Conceptions Cognitifs de la Personnalité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
  46. Jung C. *Psychologische Typen*. Zurich: Rascher, 1921
  47. Klir J, Valach M. *Cybernetic Modelling*. London: Iliffe Books, 1965.
  48. Koyré Alexandre. Galileu e Platão, 1943. Do Mundo do ‘mais ou menos’ ao Universo da Precisão, 1948. [tr. port. M. T. B. Curado. *Galileu e Platão*. Lisboa: Gradiva, 1986].
  49. Kuhn Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions* (2ª ed). Chicago: Univ Chicago Press, 1962, 1970.
  50. Kretschmer E. *Physique and character*. New York: Harcourt, 1925.
  51. Lachman Roy, Lachman Janet and Butterfield Earl. *Cognitive Psychology and Information Processing: an introduction*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, 1979.
  52. Lazarus R, Monat A. *Personality*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc, 1963, 1971, 1979. [tr



- port Vera Ribeiro. Personalidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984]
53. Lelord F, André C. *Comment Gérer les personnalités difficiles*. Éditions Olide Jacob, 1996. [tr. port. Sylvie Canape. *Como Gerir as Personalidades Difíceis*. Lisboa: Instituto Piaget, 98]
  54. Lerbert Georges. *Une nouvelle voie personnaliste: le système personne*. Ed Universitaires Mesonances, 1981.
  55. Lewin K. *A Dynamic Theory of Personality*. New York: McGraw-Hill, 1935.
  56. Marmor Judd. Systems Thinking in Psychiatry: Some Theoretical and Clinical Implications. *Am J Psychiatry* 1983; 140: 833-38.
  57. McConnel J. *Understanding Human Behavior*. Holt, Reinhart and Winston, 1977.
  58. McCulloch Warren S. *Embodiments of Mind* Cambridge, Mass: MIT Press, 1965, 1969.
  59. Monod Jacques. *Le hasard et la nécessité*. Paris: Éditions du Seuil, 1970, 1979. [tr. port. Alice Sampaio *O Acaso e a Necessidade. Ensaio sobre filosofia natural da biologia moderna*. s.l.: Publicações Europa-América Lda, 1972].
  60. Moreno Jacob Levy *Who Shall Survive*. New York: Beacon House, 1934. [tr. fr. *Les fondements de la Sociometrie*. Livro IV. Paris: PUF, 1954, 1970].
  61. Morin E. Pour une Crisologie. *Communications*. 1976; 25: 149-62.
  62. Mota-Cardoso R. Metodologia de Investigação Clínica em Medicina Psicossomática. *Psiqu Clin*. 1987; 8: 41-8.
  63. Murray Henry A. *Explorations in Personality*. New York: Oxford University Press, 1938.
  64. Murray Henry A. *Manual for the Thematic Apperception Test*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1943.
  65. Piaget Jean. A Epistemologia e as suas variedades. In Jean Piaget (org) *Logique et Connaissance Scientifique*. s.l.: Éditions Gallimard, 1967 [tr. port. Sousa Dias. *Lógica e Conhecimento Científico*, 1º Vol. Porto: Livraria Civilização Editora, 1980].
  66. Reich W. *Charakteranalyse*. Sexpol Verlag, 1933. [Trad. *Análise do Carácter*. Brasil: Martins Fontes]
  67. Reis A, Magalhães L, Gonçalves W. *Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: EPU, 1984.
  68. Rodrigues AJ. *Viva Reich*. Porto: Edições Afrontamento, 1981.
  69. Rorschach Hermann. *Psychodiagnostik*. Berna: Hans Huber, Medizinischer Verlag, 1932 [tr. ingl. P. Lemkau and B. Kronenberg. *Psychodiagnostics*. New York: Grune & Statton Inc.]
  70. Rosnay J. *Le Macroscopie: Vers une Vision Globale*. Paris: Seuil, 1975.
  71. Seligman MEP, Rosenhan DL. *Abnormality*. New York: W. W. Norton & Company, Inc, 1984, 1989, 1995, 1998.
  72. Sheldon WH, & Stevens SS. *The varieties of temperament: A psychology of constitutional differences*. New York: Harper, 1942.

73. Simon S, Sellier J-L. *La découverte de la personnalité*. Centre d'Étude et de Promotion, 1973. [tr port Maria Arminda Farias. *A descoberta da personalidade. A revelação do temperamento e do carácter permite conhecer melhor as pessoas*. Mem-Martins/Sintra: Ática SARL, 1977/8]
74. Sousa José Germano Rego. *O Inventário Multifásico de Personalidade do Minnesota. Ansaio de Aplicação à Clínica Psiquiátrica*. Coimbra: Unitas, 1967.
75. Svrakic D, Whitehead C, Przybeck T, Cloninger C. Differential Diagnosis of Personality Disorders by the Seven Factor Model of Temperament and Character. *Arch Gen Psychiatry*. 1993; **50** (Dec): 991-999.
76. Wiener Norbert. *Cybernetics*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1948.
77. Wiener Norbert. *The Human Use of Human Beings: Cybernetics and Society*. New York: Avon Books, Houghton-Mifflin Co, 1950, 1954.



Papel ecológico